

Ênfase dos intelectuais recai na confiança e na fidelidade

por Suely Caldas
do Rio

Esperança, confiança e fidelidade a Tancredo Neves foram ontem as expressões mais avocadas por intelectuais ouvidos por este jornal para definir o que está por vir sem o presidente eleito no governo. O historiador Hélio Silva, que lançará em julho um livro sobre o presidente morto, pela Editora Três, lembra que não foram cumpridos os desígnios de alguns personagens que se despediram do poder, de que o povo deve sempre ser tutelado: "Em 21 anos de autoritarismo, eles não conseguiram castrar o povo. Pelo contrário, Tancredo deu força à nossa gente que se rebelou, não como previa a estratégia de Golbery do Couto e Silva, mas ordeira e pacificamente", comentou o historiador a este jornal.

A reação popular durante a doença do presidente, a manifestação maciça da população nos cortejos fúnebres em São Paulo e Brasília foram fenômenos que, na visão dos intelectuais, não encontram paralelo em nenhum outro episódio da nossa história.

"Nunca vi nada igual neste Brasil. Tancredo foi eleito pelo Colégio Eleitoral, mas depois da doença conquistou a unanimidade de toda a Nação, como se recebesse o voto direto de todos os brasileiros", afirmou o ator Mário Lago, 73 anos, que testemunhou os episódios mais expressivos da história brasileira deste século.

Mais jovem, 43 anos e com experiência política diferente, o escritor e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira acha que Tancredo Neves foi o maior de todos os mártires que a luta pela democracia produziu nos últimos 21 anos de autoritarismo. "Vi muita gente ser torturada, tombar e morrer com a ação violenta da ditadura, mas o martírio de Tancredo Neves traz as sementes mais férteis de todos os sacrifícios, porque ele foi acompanhado passo a passo pelo povo. A presença grandiosa da população na ruas de Brasília e de São Paulo mostra que o Brasil está vivo e o que há nele de melhor Tancredo fez viver", disse Gabeira.

Não há questionamentos visíveis quanto à continuidade de José Sarney na

chefia da Nação. Todos querem ver cumprida a Constituição, mas todos acham também que a luta pela democracia apenas começou. "Hoje acordamos, todos os brasileiros, com responsabilidade redobrada, porque perdemos um herói, mas aprendemos que para não precisar de mártires teremos de aumentar muito nossa participação no processo político", afirmou Gabeira. E Mário Lago completa: "Depois de enxugar a primeira lágrima, estamos mais fortes e conscientes de que a briga continua pela defesa da democracia, da liberdade, da Constituição e da eleição direta".

Emocionado ao ver na televisão as marchas populares em São Paulo e Brasília, Hélio Silva não vê como comparar esse fenômeno a nenhum outro na história do País, pela dimensão e grandeza nacional da mobilização popular durante a doença e depois, muito mais, após a morte do presidente. "O enterro de Getúlio Vargas foi, talvez, de uma dramaticidade maior, mas na época o País estava dividido politicamente. Desta vez a comoção popular teve um carã-

ter nacional e de unanimidade. O que vi hoje pela televisão excedeu em muito o que presenciei nos enterros de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek", lembrou Hélio Silva.

Para o historiador, que retrata em seus livros a história da vida política do País desde o tenentismo de 1922, paradoxalmente foi o episódio da bomba do Riocentro que permitiu ao País o retorno à democracia. "A bomba do Riocentro teve um impacto tão grande que se transformou no fator principal de desagregação das Forças Armadas e evitou a sexta candidatura militar à Presidência da República. E Tancredo Neves, homem avesso a golpes e obediente às instituições, soube com maestria e habilidade reconquistar o poder aos civis.

Sua viagem ao exterior depois de eleito foi meticulosamente calculada, porque ainda havia riscos de a posse não se realizar. Ele comprometeu os chefes de outras nações com sua posse, conseguiu eliminar os riscos, mas, infelizmente, não conseguiu viver um só dia o seu sonho da Presidência da República."